

JORNAL DA EDUCAÇÃO



www.jornaldaeducacao.inf.br

Tocha Olímpica percorrerá 329 cidades



Foto: Rio 2016 - Fernando Soutello

Chama olímpica chegou ao Brasil no dia 3 de maio

Símbolo da paz fez roteiro pela Grécia e passou pela sede da ONU na Suíça, antes de iniciar o revezamento no país-sede.

Jogos Olímpicos 5 a 21 de agosto

- + 42 campeonatos mundiais
- + 10.500 atletas de 206 países
- + 45.000 voluntários
- + 25.100 profissionais de mídia credenciados
- + 7.000 integrantes de delegações de Comitês Olímpicos Nacionais - CONs
- + 3.200 oficiais técnicos (árbitros e assistentes)



Jogos Paralímpicos 7 a 18 de setembro

- + 23 campeonatos mundiais
- + 4.350 atletas de 178 países
- + 25.000 voluntários
- + 7200 profissionais de mídia credenciados
- + 3000 integrantes de delegações de Comitês Paralímpicos Nacionais - CPNs
- 1300 oficiais técnicos (árbitros e assistentes)



A chama dos Jogos Rio 2016, acessa no Templo de Hera, em Olímpia, dia 21 de abril, na Grécia, berço do movimento Olímpico, chegou em Brasília, no dia 3 de maio. O revezamento no país-sede dos Jogos terá cerca de 12.000 condutores que percorrerão 329 cidades. O Símbolo da paz passará por 21 cidades catarinenses na primeira quinzena de julho.

Págs. 6 e 7

O revezamento da Tocha Olímpica visa a promover a paz e tolerância entre os povos

Ao mesmo tempo em que a Tocha Olímpica, ou a chama da paz, da trégua entre todas as nações, percorre o país, os termos racismo, preconceito, sexismo, homofobia, xenofobia preconceito religioso e outros sinônimos de intolerância às diferenças culturais, étnicas, políticas, de gênero e religiosas passaram a fazer parte do vocabulário diário das brasileiras e brasileiros.

Acostumados a conviver com negros, imigrantes, políticos de oposição e protestantes, os brasileiros sequer vislumbravam que o preconceito fazia parte do seu dia a dia.

A cultura da alegria e da boa vizinhança sempre norteou as relações entre os brasileiros de todas as regiões e raças. Brancos, negros, amarelos, religiosos, ateus, nativos ou imigrantes todos dividimos os poucos bens materiais e imateriais que tínhamos com alegria.

No entanto, nos últimos anos, a grande maioria dos brasileiros já começa a descobrir-se mais ou menos preconceituosa. E o pior, em alguns casos, intolerante e até mesmo violenta quando se trata de aceitar as diferenças. Seja por palavras, seja por atos julgam-se acima da lei e merecedores de deferência especial por serem dessa ou daquela igreja, por ter fé, por atuarem nesse ou naquele partido político ou terem nascido num berço ou localidade especial.

Por conta destes equívocos de ego, assistimos ao aumento da discriminação e das manifestações explícitas e violentas de intolerância. Se antes o preconceito era velado, agora a sociedade vive uma fase do “eu assumo que sou” e, por conta do assumir-se, a pessoa manifesta seu preconceito em forma de ações violentas contra o outro.

Um exemplo dessa nova vergonha nacional é o ataque a uma banda de rock, por jovens reconhecidamente neonazistas, em São Bento do Sul. Outro, é a quantidade de estupros coletivos.

Com a aprovação de leis mais rigorosas contra este tipo de crime e o aumento da consciência da própria condição de vítima, também cresceu o número de registros oficiais.

A discriminação vivenciada ao longo da vida, especialmente por mulheres, pobres, negros, indígenas, homossexuais, ateus, não cristãos, agnósticos ou seguidores de igrejas não tradicionais, passaram a ser denunciada e as vítimas a exigir igualdade de tratamento e direitos.

Não há o que fazer em relação ao sentimento, já que estes não estão sob o domínio da consciência. Afinal, ninguém consegue controlar os próprios sentimentos.

Então, o que dizer do sentimento dos outros, mesmo que o outro seja próximo

ou consanguíneo. Mas preconceito não é sentimento, é construído culturalmente ao longo de décadas.

Portanto, se não podemos controlar os sentimentos, não podemos nos envergonhar deles, mas as atitudes precisam ser controladas. Se não há porque envergonhar-se de não conseguir apaixonar-se por um negro ou negra, ou por uma pessoa do mesmo sexo, não há porque envergonhar-se de respeitá-la em sua opção de vida e sexual.

A população brasileira, que durante anos, apoiou os movimentos em defesa da família e da propriedade dos mais abastados, há algumas décadas, passou a cobrar o seu direito à propriedade também.

Já não se admite que as gerações atuais continuem a receber as benesses recebidas por seus antepassados. Seja na época em que a coroa portuguesa (e mais tarde a brasileira) doou terras para os capitães hereditários explorarem; sejam as filhas e netas de militares que não casaram oficialmente, para continuar a receber suas aposentadorias por toda a vida.

Do mesmo modo, não se pode admitir que os afro-descendentes sejam eternamente discriminados porque seus antepassados eram escravos. Ou os favelados sejam tachados de traficantes ou sujeitos por causa de sua condição de pobreza material.

Dinheiro vai e vem, mas a cultura e o preconceito são construída ao longo da vida. E a escola pouco, ou quase nada pode fazer para mudar essa realidade de coisa, a não ser aproveitar eventos que na sua essência promovem a paz entre os povos, como a Olimpíada, para promover a convivência pacífica e tolerante entre os próprios alunos.

Afinal, o que move a sociedade e a faz crescer ou definhando são as pessoas e suas atitudes em relação aos outros.

A xenofobia que moveu os ingleses a votarem pela saída da União Européia, é a mesma que faz muitos alunos odiarem seus professores, por simples aversão ou medo de pessoas, que lhe parecem estranhas ou vindas “de outro planeta”.

O termo é de origem grega, se forma a partir das palavras “xénos” (estrangeiro) e “phóbos” (medo). A xenofobia pode se caracterizar como uma forma de preconceito ou como uma doença, um transtorno psiquiátrico.

O preconceito gerado pela xenofobia é algo controverso. Geralmente se manifesta através de ações discriminatórias e ódio, intolerância e aversão por aqueles que vêm de outros países ou de diferentes culturas.

Nem todas as formas de discriminação contra minorias étnicas, diferentes culturas, subculturas ou crenças podem ser consideradas xenofobia. Em muitos

casos são atitudes associadas a conflitos ideológicos, choque de culturas ou mesmo motivações políticas.

Como doença, a xenofobia é um transtorno causado por um medo descontrolado do desconhecido, que se transforma em desequilíbrio.

Quem sofre este transtorno possivelmente passou por uma má experiência ao estar exposto a uma situação desconhecida que causou terror e deixou marcas que vão interferir na sua vida diária.

O Brasil é conhecido por ser um país que recebeu e recebe muitos imigrantes de vários países com diferentes culturas, sem graves demonstrações de xenofobia.

No entanto, no século XIX se verificou no Brasil um fenômeno chamado lusofobia, que resultou de um sentimento nacionalista de alguns políticos brasileiros, que tinham como objetivo reduzir a interação de indivíduos portugueses na economia local.

No Brasil da atualidade, o “ódio ou a fobia” aos políticos tem deixado os bons cidadãos fora da direção do país. E o silêncio dos bons é conivente com as ações dos maus.

A intolerância religiosa tem no terrorismo do estado islâmico seu maior e principal representante, mas há séculos católicos e protestantes (ou evangélicos), ambos cristãos, acusam-se mutuamente de seguir falsos ídolos e preceitos.

O termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferenças ou crenças religiosas de terceiros. Pode constituir uma intolerância ideológica ou política, sendo que, ambas têm sido comuns através da história.

A maioria dos grupos religiosos já foi perseguida em alguma época de nossa história, mas a perseguição aos infiéis ou aos fiéis a outras ideias, resultou em prisões ilegais, espancamentos, torturas, execução injustificada, negação de benefícios e de direitos e liberdades civis.

Durante os movimentos pelo impeachment da presidente Dilma, o preconceito contra a sua condição de mulher foi retratado em imagens da rede social que a denegriam em sua condição de mulher e não por sua inaptidão em administrar.

O mesmo preconceito foi aflorado no governo Temer, no primeiro momento, quando foi anunciada sua equipe de governo, a inexistência de mulheres entre os ministros foi suficiente para taxá-lo como governo discriminatório.

Sabemos que mulheres e homens têm modo diferente de administrar um mesmo conflito, mas seria o gênero, o principal requisito para ser um chefe de estado ou mesmo de uma empresa privada?

As mulheres são a maioria nos bancos escolares, estão mais bem formadas e

EXPEDIENTE

JE

Ano XXIX - Nº 296 Joinville(SC),
Junho 2016

Rua Marinho Lobo, 512 Sala 40
89201-020 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 84150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: AN
Tiragem desta edição: 4000
Distribuição dirigida a assinantes,
anunciantes e estabelecimentos de
ensino dos municípios das regiões edu-
cacionais de Joinville e Jaraguá do Sul.

Os artigos e colunas assinados são
de responsabilidade de seus autores



teoricamente melhor preparadas para o mercado de trabalho, mas se um marido fica em casa cuidando das crianças e da casa, enquanto a mulher busca o sustento financeiro da família, o casal também é discriminado.

Já é tempo dos brasileiros diferenciarem sentimentos de atitudes, atos de pensamentos e preconceito de conceito construído a partir de vivências e estudos.

Ser preconceituoso não é crime, crime é ser intolerante e violentar o direito do outro de ser e escolher como e com quem viver e conviver.

Que a chama da paz leve a tolerância, por onde passar. E que este seja mais um dos legados das Olimpíadas ao Brasil, já que os legados materiais (instalações esportivas, de transporte e culturais) serão para a cidade-sede, o Rio de Janeiro.

Política de esportes

Pedro Cardoso da Costa

É tão difícil defender políticas de esporte quanto é fácil o inverso e fazer da fome uma justificativa para a ausência de ações efetivas em outras áreas da administração pública da União, dos estados e dos municípios.

Até há uns 50 anos, passar fome ou necessidade financeira era uma situação atribuída exclusivamente ao indivíduo; ou a pessoa era considerada preguiçosa ou sem iniciativa; por um motivo ou outro, era censurada pela sociedade. Também poderia ser ou depressiva ou portadora de outra doença. A responsabilidade era somente individual.

Com o passar do tempo houve mudanças e hoje há situações em que a pessoa é responsabilizada, mas prevalece o entendimento de que algumas situações ultrapassam a questão meramente da pessoa e o fato passa a ser de responsabilidade coletiva.

esportes. Facilitaria a participação de atletas de outros municípios.

A cada três ou quatro anos, os municípios com mais de cem mil habitantes promoveriam eventos esportivos mais amplos, com nome de miniolimpíada ou de jogos abertos, a exemplo dos realizados no interior de São Paulo.

Como ainda prevalece a cultura da lei para tudo por aqui, para ajudar a fomentar a prática de esportes, o governo federal e/ou os governos estaduais deveriam criar normas prevendo a realização de atividades esportivas anuais em cada escola, sem exceção.

Estruturas físicas ideais viriam com a prática contínua. De início, valeria o improvisado. Poderiam espelhar-se no futebol, que tem sua própria estrutura organizacional com torneios, campeonatos e tudo mais, com

Este é um tempo de tristeza e de vergonha. Jamais uma hora de celebrações. Nós brasileiros que estamos sofrendo com as condições do nosso país, de nossa economia e de nossa qualidade de vida, ainda não chegamos ao fundo do poço.

De uma forma ou de outra, nos denominados países pobres, sem infraestrutura adequada, a discussão fica restrita à comida no prato. No Brasil não é diferente. Por isso, torna-se impossível cobrar ações das autoridades no sentido de criarem espaços para a prática regular de qualquer esporte, exatamente porque quase tudo o que se fala neste país relaciona-se à falta de comida. Mas a população não quer só comida...

Dos quase seis mil municípios, poucos têm uma quadra poliesportiva adequada à prática de três esportes diferentes. Não é razoável pensar em convencer um prefeito ou uma câmara municipal a construir um ginásio poliesportivo. Cientes dessas dificuldades, as pessoas nem tentam e se omitem totalmente.

Essa falta de compromisso com políticas de esporte ocorre nos governos municipais, estaduais e federal. Mas quando questionadas, as autoridades citam inúmeros projetos que atendem milhões de pessoas. Sabem que ninguém acredita, mas repetem à exaustão.

Iniciativas simples, como torneios de dama, de xadrez deveriam partir das próprias entidades sociais, dos sindicatos, das igrejas, dos condomínios e de outras instituições, mas só se consolidariam de forma abrangente e definitiva com políticas governamentais.

As cidades pequenas deveriam priorizar um esporte e organizar um torneio semelhante aos de tênis, com troféus e com uma simbólica recompensa financeira. Poderiam se organizar entre dez ou mais cidades para que cada uma fizesse um torneio de um esporte específico. Um município realizaria uma competição de vôlei, outro de basquete, de tênis, de nataçãõ e assim com outros

ou sem rede, com ou sem árbitro uniformizado. No vôlei, a falta de rede seria substituída por uma corda. Uma cal resolveria a demarcação da quadra. Um leigo que entendesse um pouco superaria tranquilamente a falta de um árbitro.

Da mesma maneira que todo vilarejo possui sua igreja, poderia se empenhar para a construção de uma quadra. As condições só surgirãõ com consciência, iniciativa e empenho.

Também há a necessidade de perseverança nas ações, para que os jovens não desistam no início. Seria necessário conscientizá-los dos benefícios que o esporte traz à saúde, além de ser ótimo como entretenimento.

Com pouco dinheiro é possível realizar todas as sugestões propostas. Com uma tábua (madeirite), dois caibros, seis parafusos e seis pequenas latas de tinta eu fiz uma mesa de tênis, que alegrou um vilarejo no interior da Bahia por muito tempo.

Pode até não existir má-fé, pouco importa, mas se faz necessário que as autoridades e a sociedade se comprometam um pouco mais em relação ao esporte.

Também, essas iniciativas preliminares se encaminhariam automaticamente para a formação de atletas com índices olímpicos. A posição do Brasil em Olimpíadas dá o atestado da falta de investimento. Quando vence muito, ganha duas medalhas de ouro. É desestimulante. Dá vergonha! Isso precisa mudar e depende de todos e muito dos prefeitos e vereadores por estarem mais próximos da população.

Pedro Cardoso da Costa é bacharel em direito – Interlagos (SP)



A Doula, seu papel e a regulamentação em SC

Texto de Alice Cardozo*

Em janeiro de 2016, foi sancionada a lei 16.869, regulamentando a presença das doulas nas maternidades de Santa Catarina. Apesar de sua atuação ter aumentado significativamente nos últimos anos, muitos ainda questionam qual sua real função.

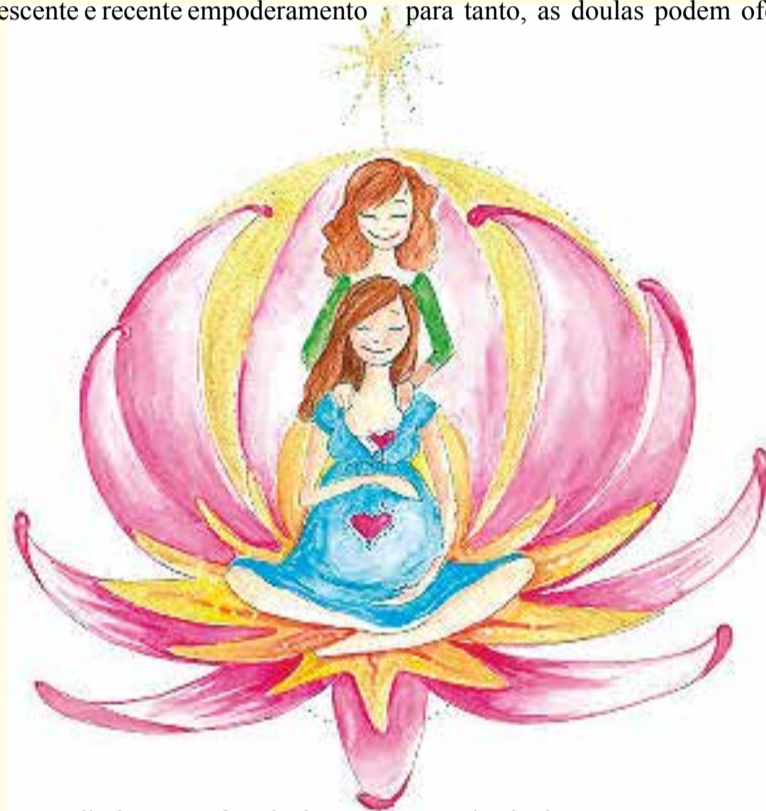
De origem grega, a palavra “doula” significa “mulher que serve”. Apesar de ser um ofício antigo, outrora exercido pelas irmãs, mães, vizinhas ou amigas das gestantes durante a gravidez, parto e pós-parto, é relativamente recente a adoção de uma profissional contratada nesta função.

Com a medicalização do nascimento, nos afastamos da cultura de envolver mulheres no acompanhamento da gestante, mas o crescente e recente empoderamento

O acompanhamento da doula durante o trabalho de parto se dará tanto em ambiente hospitalar como no domicílio, quando a família opta pela contratação de uma equipe para acompanhar o parto domiciliar. Será contínuo, do momento em que é acionada, até o nascimento do bebê.

Em virtude disso, é comum que as pessoas confundam a atividade da doula com a atividade da equipe médica. Mas, as doulas não estão habilitadas para atividades clínicas e jamais poderão auferir a pressão de uma parturiente, por exemplo. É falsa, portanto, a impressão que muitos têm de que a doula faz o parto da mulher.

No pós-parto, quando qualificadas para tanto, as doulas podem oferecer a



feminino contribuiu para o fortalecimento do movimento de humanização do nascimento, reinserindo as doulas neste contexto.

Atualmente, o papel da doula é fruto de uma capacitação formal e comprovada através de certificado, sendo que suas principais atividades no período pré, durante e pós-parto são oferecer suporte emocional e auxílio à gestante. Por exemplo, durante o trabalho de parto, a doula está apta a realizar massagens e oferecer outros métodos não farmacológicos para alívio das dores das contrações.

Outra atividade importante da doula é a consultoria para formular o plano de parto, documento que orienta a equipe médica sobre as preferências da gestante, por exemplo, com relação à analgesia. Sempre que possível, o plano de parto deve ser respeitado pelos profissionais envolvidos.

consultoria de amamentação, auxiliando de forma muito eficaz em grande parte dos problemas de pega incorreta do bebê, fazendo com que a mãe sinta-se menos insegura e aumentando as chances de sucesso da amamentação.

A doula é uma profissional envolvida em uma fase muito importante na vida de uma família e estará capacitada para proporcionar segurança e tranquilidade para a gestante que tiver o seu acompanhamento, garantindo à mulher o papel de protagonista do seu parto, cabendo a toda equipe que lhe acompanhar apenas o papel de assistente.

*Alice Cardozo, advogada, cursando especialização em Direito Civil e Processo Civil, defensora dos direitos humanos, mãe de Cecília e Giovana, acompanhada por uma doula no segundo parto.

Yolanda Robert – professora, advogada, consultora e especialista em direito e processo civil e em direito e processo do trabalho. Email: yolanda@robertadvocacia.com.br

Cartas



Jornal da Educação

Opinião do leitor
Rua Marinho Lobo, 512 Sala 40
Fone: (47) 3433 6120 e 84150630
89201-020 - JOINVILLE - SC

E-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br

ZIKA VIRUS

Colégio Santos Anjos entra na guerra contra o *Aedes Aegypti*

O Ministério da Saúde confirma 1.326 casos de microcefalia em 484 municípios, localizados em 25 unidades da federação, e outras alterações do sistema nervoso, sugestivos de infecção congênita em todo o país. Não há registro de confirmação apenas nos estados do Acre e de Santa Catarina. Desde o início das investigações, em outubro de 2015 até o dia 7 de maio, foram notificados 7.438 casos suspeitos, sendo que 2.679 foram descartados e 3.433 permanecem em investigação. Desses casos, 205 tiveram confirmação por critério laboratorial específico para o vírus Zika. Além da microcefalia em bebês, o vírus tem provocando o aumento da incidência da Síndrome de Guillain-Barré e da Síndrome de Müller-Fischer em adultos.



Alunos: Inês E. de Medeiros, Isabella C. Tambosi e Sarah I. da Costa, 8ªA-EF



Maria Ariéle da Silva, Larissa R. Padilha e André R. Garcia, 8ªA.

Joinville - Desde o início do ano, o CSA entrou na Guerra contra o *Aedes Aegypti*. Ainda no mês de fevereiro, a preocupação com a crescente epidemia de Zika provocou o início da guerra que ainda não terminou.

O objetivo é criar a cultura de combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, já que os ovos permanecem latentes por mais de um ano e basta um pouco de calor e

gotas de água para eclodir.

As atividades são realizadas em todas as turmas. Os professores aproveitaram para aliar os conteúdos específicos da disciplina para realizar a aprendizagem significativa.

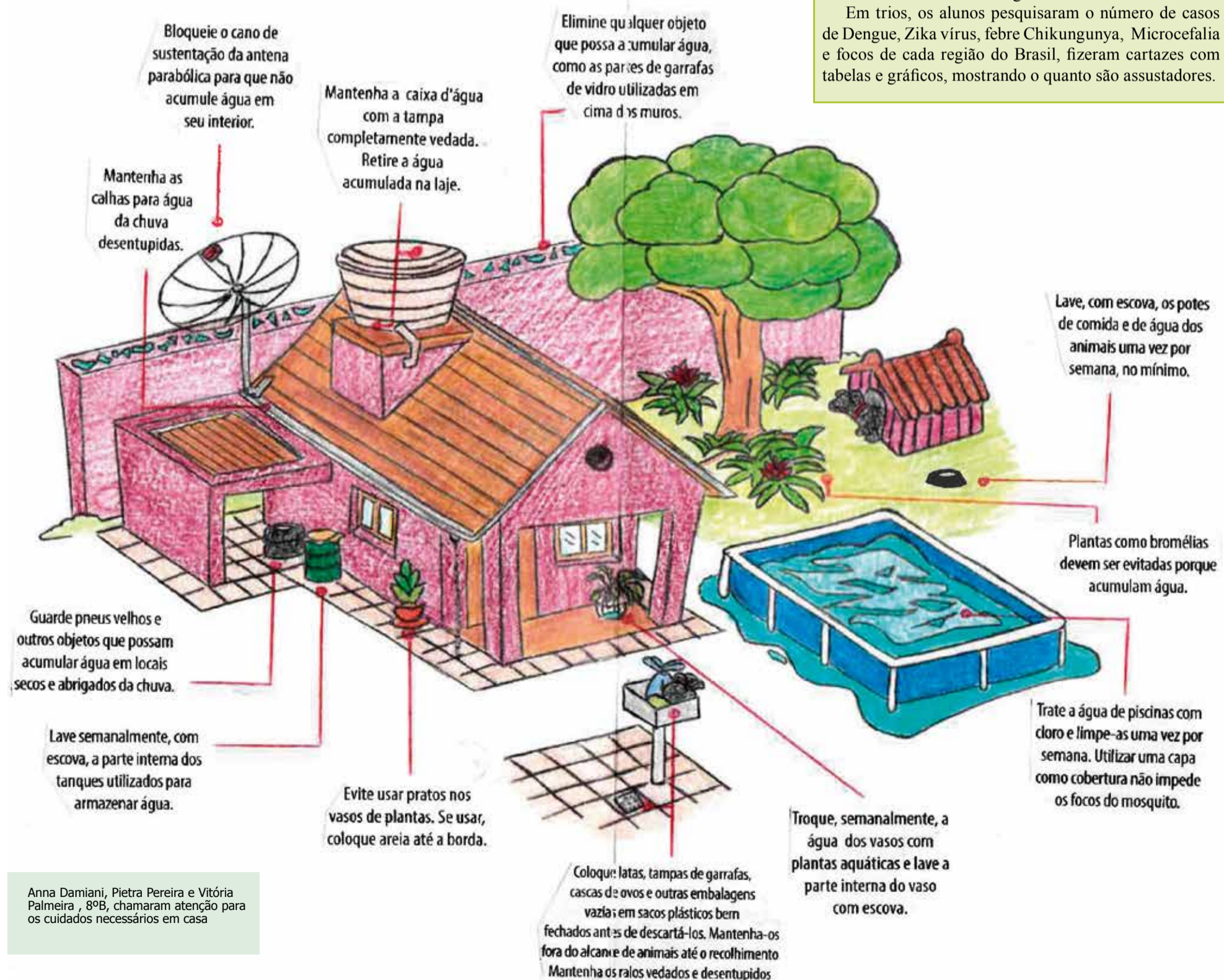
Os alunos participaram de debates, fazem estudos e trabalhos para conscientizar os colegas e seus familiares da urgência da situação.

Gráficos em matemática

As professoras de matemática Gabriela Schulze Pedrotti e Sandra Zoller Kanzler usaram os números para conscientizar os alunos do 6º, 8º e 9º anos.

Após pesquisar a quantidade de casos das doenças relacionadas ao mosquito *Aedes Aegypti* e dos focos, os estudantes confeccionaram gráficos e tabelas em cartazes.

Em trios, os alunos pesquisaram o número de casos de Dengue, Zika vírus, febre Chikungunya, Microcefalia e focos de cada região do Brasil, fizeram cartazes com tabelas e gráficos, mostrando o quanto são assustadores.



Anna Damiani, Pietra Pereira e Vitória Palmeira, 8ªB, chamaram atenção para os cuidados necessários em casa

ZIKA VIRUS

Hortelã é repelente natural

Os alunos do turno Integral da educação infantil, durante a semana do dia 29/02 a 04/03, desenvolveram trabalhos de prevenção.

As professoras Bruna Bibow e Michele Dalmazo explicaram que foram usados vários recursos didáticos digitais, entre eles o vídeo com as dicas do **Sapo Sábio** para prevenir-se contra o mosquito *Aedes Aegypti*: <https://www.youtube.com/watch?v=ox7XMRNxxvMs>.

As turmas iniciaram a batalha contra o mosquito plantando hortelã, um repelente natural do *Aedes Aegypti*. O trabalho incluiu ainda o compromisso dos alunos em manter o recipiente higienizado e livre de ovos e larvas do mosquito.



Integral matutino plantou hortelã, um repelente natural do mosquito da dengue.

Vídeos e panfletos informativos

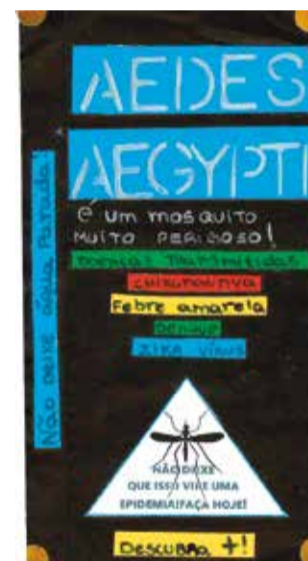
A professora de geografia, Fernanda Blau, orientou seus alunos do 8º ano, a confeccionar panfletos e produzir vídeos informativos sobre o Zika vírus.

Em duplas ou trios, os alunos deveriam produzir os panfletos contendo informações sobre a história do mosquito, prevenção, sinais e sintomas das doenças.

Os vídeos, de no máximo três minutos, dos quais 20 segundos, obrigatoriamente deveriam conter cenas no Colégio para unir

teoria e prática. "Fizemos o trabalho no colégio, com cenas gravadas em vários espaços. São vídeos muito bons!", registrou a professora.

As apresentações aos colegas ocorreram entre os dias 10 e 17 de março. Os materiais foram expostos à comunidade escolar.



Muitas cores e ilustrações para motivar cada um a fazer sua parte. Maria Fernanda M. Fontes e Ana Carolina Neulander, 8ªB

Cartilha e curso online gratuitos

Detectado pela primeira vez no país ano passado, o Zika vírus vem se disseminando rapidamente, sendo apontado como possível causa do surto de microcefalia em bebês.

Já entre os adultos, o vírus tem provocado o aumento na incidência da **Síndrome de Guillain-Barré** (e a variante **Síndrome de Müller-Fischer**), que afeta o sistema nervoso provocando o enfraquecimento e paralisção dos músculos, podendo levar à morte rapidamente.

Diante desse cenário, o Ministério da Saúde e a Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS) oferecem o curso online "Zika: abordagem clínica na atenção básica", que objetiva capacitar profissionais de saúde para melhor assistir os pacientes.

O curso será ofertado também em inglês e espanhol para os demais países. As inscrições estão abertas de 19 de fevereiro de 2016 a 15 de fevereiro de 2017.



vírus ZIKA
Informações ao Público

Curso gratuito on line: <http://www.una.br>

1987 - 2015

28 anos

JORNAL DA EDUCAÇÃO

PROFESSOR: Você desenvolveu um trabalho DIFERENCIADO resultou em mais aprendizagem?

Mande sua sugestão para:

jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

www.jornaldaeducacao.inf.br

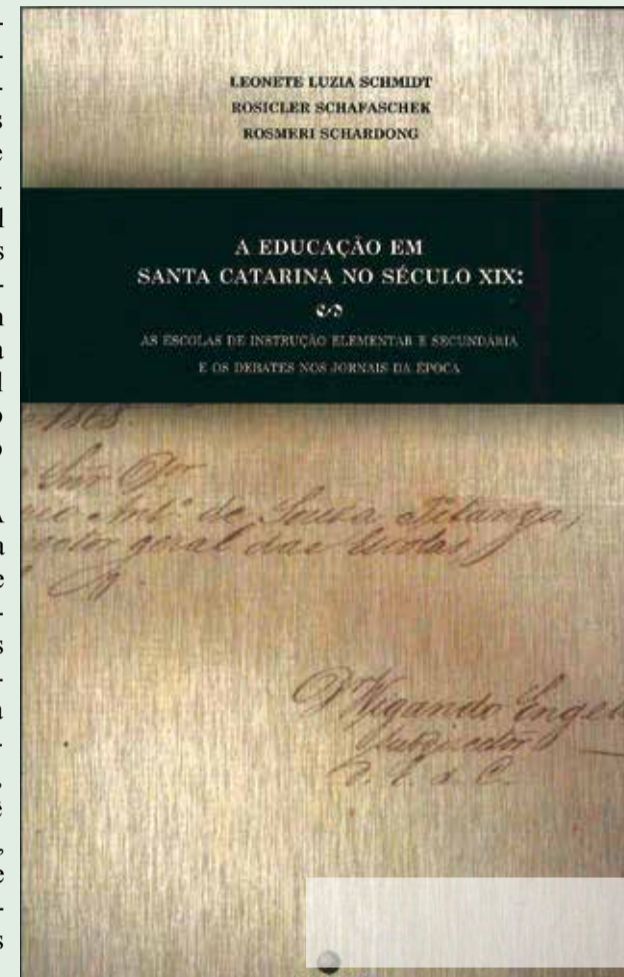


Escolarização em Santa Catarina no século XIX

Norberto Dallabrida*

A historiografia da educação catarinense tem revisitado as transformações efetivadas nas primeiras décadas do século XX por meio de obras sobre o Ginásio Catarinense, a Escola Normal Catarinense e dos primeiros grupos escolares. Esses estudos escolares colocam em relevo a marca republicana nos ensinos primário, normal e secundário, desvalorizando as instituições escolares no período imperial.

No entanto, o livro "A educação em Santa Catarina no século XIX: as escolas de instrução elementar e secundária e os debates nos jornais da época", das pedagogas-historiadoras Leonete Luzia Schmidt, Rosicler Schafaschek e Rosmeri Schardong, editado pela DIOESC, relê a escolarização oitocentista, procurando lançar luz sobre um período histórico pouco conhecido contemplado pelos historiadores da educação.



Trata-se de uma coletânea formada por três longos capítulos, resultantes de dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.

O primeiro capítulo, assinado Rosicler, procura compreender as representações da educação em jornais tais como O Redator Catarinense, O Conciliador e Novo Iris, publicados, na década de 1850, na cidade de Nossa Senhora do Desterro – hoje Florianópolis –, então capital da Província de Santa Catarina. A autora sublinha que "os jornais eram unânimes em declarar a instrução como elemento fundamental no processo de civilização. Educar não somente a elite, mas os demais componentes da sociedade (da qual, é importante ressaltar, excluíam-se índios e escravos), colocava-se como uma exigência aos letrados e dirigentes da política catarinense (...)". Assim, esse texto apresenta uma análise que aproxima os campos jornalístico e escolar.

Tendo como título "A constituição da rede pública de ensino elementar em Santa Catarina 1830-1859", o segundo capítulo analisa o nascimento das escolas de ler-escrever-contar na Província de Santa Catarina. A autora, Leonete,

aborda a constituição física, pedagógica e legal do sistema público barriga-verde, destacando detalhes da regulamentação do ensino. De outra parte, focaliza o ingresso, a formação, o salário e a jubilação dos professores dessas escolas, geralmente homens sem formação nas escolas normais.

No último capítulo, Rosmeri coloca o foco sobre o ensino secundário, explorando a existência de quatro colégios de vida curta na cidade de Nossa Senhora do Desterro, sendo dois deles dos jesuítas. Primeiro estabelecimento de ensino secundário público de Santa Catarina, o Liceu Provincial abriu as suas portas em 1857 e teve entre os seus professores o famoso naturalista Fritz Müller, mas durou somente seis anos. O Ateneu Provincial, que funcionou entre 1874 e 1883, é tratado pela autora com mais detalhes tais como os corpos docente e discente, o currículo e o internato.

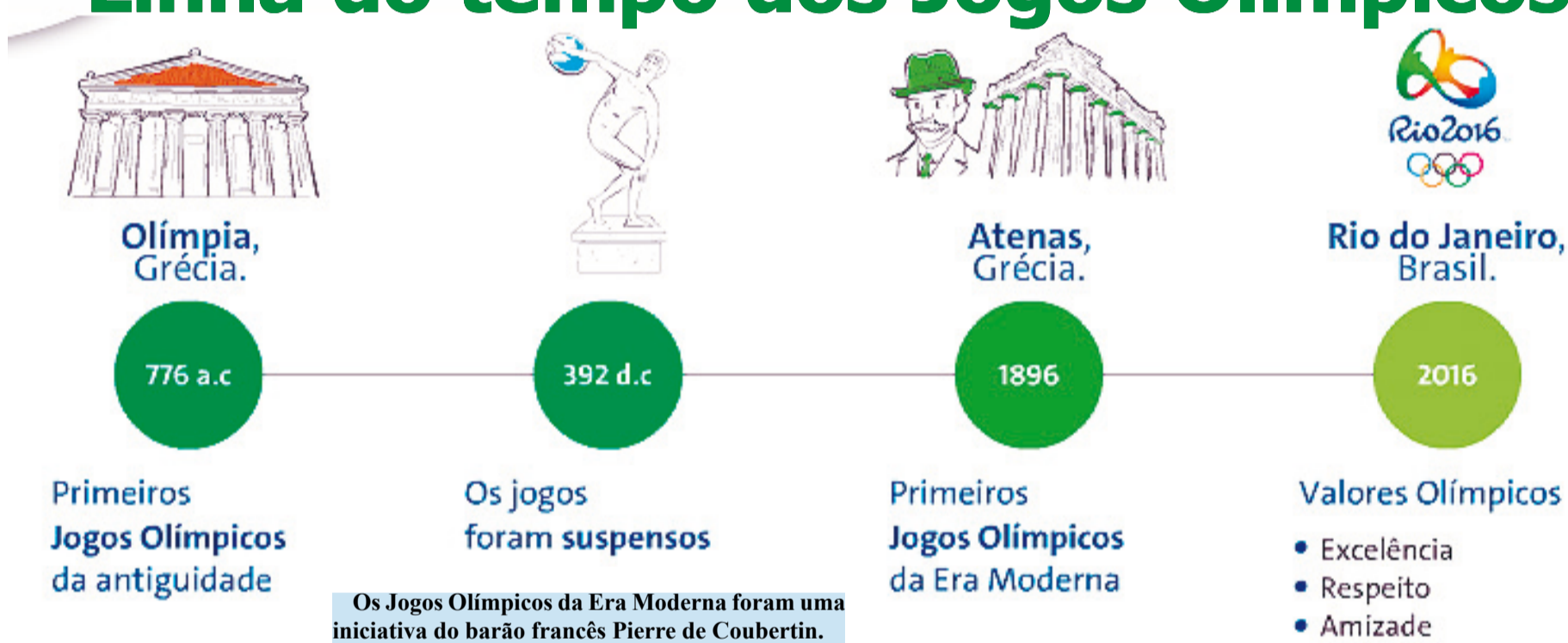
A obra de Leonete, Rosicler e Rosmeri apresentam-nos uma instigante releitura do século XIX por meio do mote do ensino primário e secundário. Ela é oportuna e salutar para a historiografia da educação catarinense.

Norberto Dallabrida é professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Autor, co-autor ou organizador de diversos livros. Entre eles, "A Escola da República (1911-1918)" (Editora Mercado de Letras, 2011) e "O futebol em Santa Catarina: histórias de clubes", organizado com Alexandre Fernandez Vaz (UFSC) e Norberto Dallabrida (UDESC), com o selo da Editora Insular.

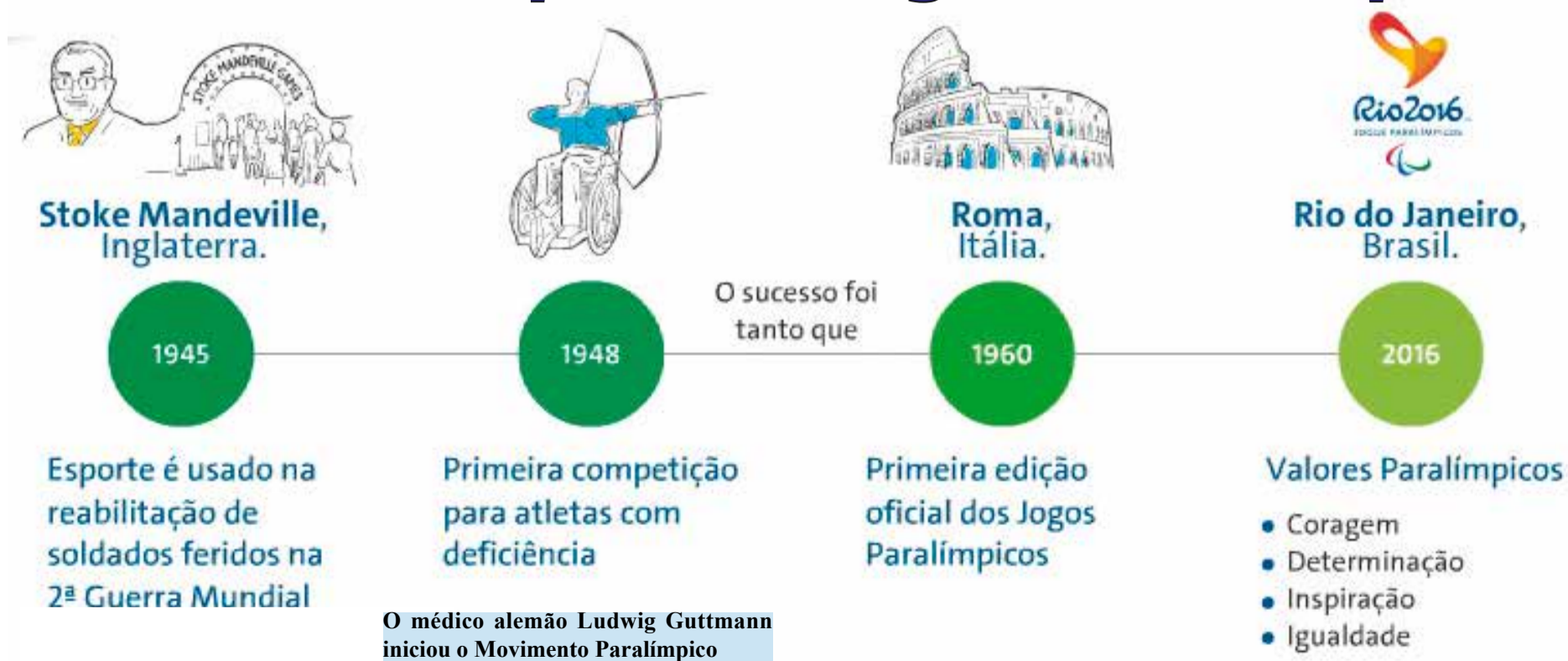


O mundo acompanhará a disputa de 5 mil medalhas Olímpicas no Brasil

Linha do tempo dos Jogos Olímpicos



Linha do tempo dos Jogos Paralímpicos



Conforme manda a tradição, a cerimônia de acendimento da tocha aconteceu no Templo de Hera, em Olímpia, na manhã do dia 21 de abril.

Um elenco de 29 atores e 13 bailarinos seguiu o ritual original praticado pelos gregos. Após o ritual milenar, a tocha iniciou sua jornada de anúncio de trégua.

A chama da paz passou pela capital grega, Atenas, onde foi realizada cerimônia de encerramento do tour grego, no Estádio Panathinaiko, local que abrigou os históricos Jogos Atenas 1896. Na rota pela Grécia foram 450 condutores, uma passagem pela icônica cidade de Maratona.

Depois de passar por Genebra, na Suíça, para uma cerimônia na Organização das Nações Unidas (ONU) e no Museu Olímpico, em Lausanne, sede do COI, a tocha Rio 2016 desembarcou em Brasília, no dia 3 de maio, onde teve início o revezamento no país-sede dos Jogos.

No Brasil, iniciou o roteiro por 329 cidades. O revezamento segue até o acendimento da pira na abertura dos Jogos, no Maracanã, Rio de Janeiro, no dia 5 de agosto.

Em Santa Catarina, a Tocha Olímpica passará por 21 cidades e pernoitará em Criciúma, Florianópolis, Blumenau e Joinville.

Santa Catarina e Joinville

Serão duas etapas do revezamento pelo estado: a primeira entre as viagens da chama ao Paraná e ao Rio Grande do Sul, com passagens por São Lourenço do Sul, Chapecó e Concórdia; e depois, no dia 9 de julho,

quando o percurso é retomado para cobrir 18 cidades catarinenses.

O primeiro pernoite da tocha em Santa Catarina, depois da passagem por Sombrio e Araranguá, será em Criciúma. No dia 10 de julho a tocha passa por Tubarão, Laguna, Palhoça e São José.

O pernoite, com previsão de realização de uma grande celebração, será em Florianópolis. No dia 12 de julho, depois de passar por cinco cidades, entre as quais Balneário Camboriú e Itajaí, a tocha dorme em Blumenau. A solenidade de celebração será na Vila Germânica.

No dia 13 de julho, o roteiro da chama olímpica passa por Massaranduba, Jaraguá do Sul e São Francisco do Sul. A chegada a Joinville, último local de pernoite em território catarinense.

Em Joinville a cerimônia começará às 15 horas, no Centreventos Cau Hansen. Na sequência, o fogo olímpico percorrerá um trajeto de cerca de 22 quilômetros, sendo conduzida por 80 pessoas, em sistema de revezamento a cada 200 metros.

A tocha passará pelo complexo Centreventos Cau Hansen, o Museu da Bicicleta, o parque Porta do Mar e o Mercado Público Municipal.

Os nomes foram escolhidos pela cidade, pelos patrocinadores oficiais e pela organização dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

O símbolo da Olimpíada Rio2016 pernoitará na "Cidade Celebração" e, no dia 14 de julho, segue para o Paraná, passando por São José dos Pinhais e Curitiba.



Caminho da Tocha

**Não perca!
Garanta já a sua vaga!**

**06 de Julho
2016**

**Horário das
14h às 18h**

Carga horária total 4 horas

INSTITUTO IREI
Rua Acaranguá, 242 | Bairro América
Joinville | SC

**Profissional:
Denise Pereira / SC**

* Elimina até 95% dos pelos
* É mais eficaz em pelos curtos
* Não provoca flacidez/manchas
* Com o atrito, elimina células mortas, pele mais saudável.

**CURSO DE
DEPILAÇÃO EGÍPCIA**

INVESTIMENTO **2 x R\$65,00 no cartão**

Mais informações entre em contato | 47 3422-8906

Esteticista e Professora. Depiladora Profissional há 08 anos em clínica especializada.

Psicologia e Educação

Um espaço de reflexão sobre ensinar, aprender, educar e viver

Coordenação Gilmar de Oliveira

Atualização didática e de currículo ou perda do futuro

Textos complexos, nomenclaturas estranhas, escalas de milhares de quilômetros, operações abstratas demais, análises textuais, fatos históricos desprovidos, muitas vezes, da devida contextualização.

Alguns minutos com livros didáticos na frente dos olhos e percebe-se a complexidade que se tornou o ensino, ávido por enfiar goela abaixo mais e mais conteúdo, como se a vida do estudante se resumisse a aprender a responder questões do ENEM.

Não vou esquecer uma situação narrada por uma estagiária que supervisiono, ao assistir uma aula: Uma sala de 4º ano, superlotada, cerca de 70% da turma não sabe ler, e a professora pede à turma que leia a página 140 e 141 sobre continente asiático e resolvam os exercícios da página 142, senta na sua cadeira e começa a teclar ao celular e pedir silêncio quando a turma se dispersa.

O que representa este tipo de ensino para esta criança? O que é um continente? E o que é a Ásia? Será que, se contextualizarmos sobre Japão, China, Arábia, Índia... o aluno se localiza?

Quem sabe vendo alguns vídeos? Nada! Abrir o livro, ler sem saber, com termos difíceis, tentar resolver questões apenas no velho e burro "questionário", eis a realidade de uma aula perdida, do interesse perdido. Não demorou muito para que os alunos fizessem aquela algazarra e meia dúzia deles parassem na sala da orientadora... pudera!

As aulas brasileiras são mortas. Eu venho escrevendo isso há anos, como pesquisadores do Brasil e do exterior atestam o fracasso do ensino brasileiro.

O pior dessa situação é que sabemos, as famílias sabem, mas pouco ou nada fazemos para reverter a maior desgraça que um país poderia ter, que é a falência da instituição escola como elemento formador de atitudes, conceitos, habilidades e saberes.

Sem cérebros funcionais, a sociedade se torna enfraquecida, sujeita a ser tomada por espertalhões e suas promessas, desses que invadem a política através do voto e que agora vemos na mídia o mal causado à Nação. Sem escola de qualidade, não há como refletir e planejar o futuro, não há sociedade.

Até temos escolas: na verdade os prédios, mal conservados pela incompetência de diretores que, em sua enorme maioria no Brasil, são escolhidos por serem cabos eleitorais de políticos corruptos. Mas não temos um currículo decente para ensinar. A maioria dos assuntos não corresponde à realidade dos alunos em sua forma de

ver o mundo e interagir nele. Parece que a escola é uma ilha perdida em outra dimensão, onde passam alunos por um portal mágico, verificam temas como o relevo do Noroeste africano, as fossas abissais, operações matemáticas que, em geral, não respeitam o desenvolvimento intelectual de cada idade para a devida compreensão.

A questão não é A NECESSIDADE DE UMA REFORMA NO CURRÍCULO, como o MEC propôs recentemente. Menos disciplinas no Ensino Médio, mais horas de ensino, ludicidade e experimentação no Ensino Fundamental. Propostas que precisam ser ouvidas, estudadas, repensadas, mas precisamos de reforma.

Sem assuntos que possibilitem mudança na realidade, na forma de ver o mundo, na habilidade de pensar, diferenciar, analisar, refletir, teremos uma geração alienada e perdida. Isso já está ocorrendo, mas se reflete na absurda falta de interesse e passividade do aluno frente ao mundo que o cerca e na crescente indisciplina em sala de aula. Se o tema da aula não desperta desejo, a tendência é o aluno extravasar sua energia aprontando de tudo na sala.

Se tivermos escolas bem preservadas e currículo adequado à vivência e à experiência trazidas para a reflexão pelos alunos; se tivermos disciplinas que despertem o desejo, o interesse e o compromisso com os alunos, então precisaremos do toque final na qualidade de ensino: a Didática, a forma de ensinar.

Ainda ensinamos à moda jesuíta, salvo raras exceções. Fica-se na saliva, quadro, exercícios e provas, usa-se muito mais a memória e bem menos o raciocínio. Nada de aulas práticas, interdisciplinares e projetos integrados, uso de recursos multimídia, na contramão do mundo desenvolvido.

Ainda hoje no Brasil, prioriza-se a escrita e perde-se tempo com letra e cópia. Já a maioria dos países "que deram certo" aboliu a escrita que não seja digital, algo impensável aqui.

Além desse choque, o padrão didático europeu, por exemplo, favorece o desenvolvimento do raciocínio e da análise, da cidadania, da ética e de saberes integrados, como é o mercado de trabalho atual. Ensina-se a pensar, a criar, a resolver, a integrar. Isso é desenvolvimento.

Não temos alternativa para o Brasil crescer que não passe por profunda reforma na visão de escola e de mundo, com conteúdo e forma transformados. Pare, repense e planeje, depende de você leitor, esta nova práxis educacional.

* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura. E-mail: psicogilmar@gmail.com

@psicogilmar

facebook.com/psicogilmar

Concurso teatral Água para sempre completa dez anos

Joinville - As apresentações das produções teatrais concorrentes na décima edição do Concurso Teatral Água Para Sempre, realizado anualmente pela Companhia Águas de Joinville, foram realizadas de 20 a 24 de junho.

Os estudantes da categoria C, do 6º ao 9º ano, com o tema "Cachoeira, o Rio de Joinville", foram os primeiros a subir no palco do teatro Juarez Machado.

Durante a semana de eliminatórias, cerca de 1000 pequenos atores atraíram um público de 2,4 mil pessoas.

Além das peças apresentadas, foram avaliados os trabalhos feitos em sala de aula ou

em visitas a campo. As notas do portfólio de atividades pedagógicas representam 30% da nota total.

"Tirar nota máxima na apresentação da peça não determina que uma escola seja campeã", afirma Wanessa Magalhães Brondani, pedagoga da Águas de Joinville.

"A apresentação da peça coroa o trabalho das escolas, mas é essencial todo o aprendizado adquirido pelas crianças, no dia a dia, a respeito da importância do meio ambiente", completa Brondani.

A premiação acontece no dia 29, quando os vencedores voltam ao palco para a Noite dos Noite dos Campeões.



Atores, atrizes, autores, figurinistas, musicistas e diretores anônimos criaram coletivamente e representaram histórias sobre os personagens que povoam o Rio Cachoeira.

A estudante Marília Zoccatelli, EM 'Profª Elizabeth Von Dreifuss', atuou no palco do teatro Juarez Machado.

Envolvimento da comunidade

O envolvimento da comunidade escolar em torno das peças, o trabalho duro nos preparativos para a apresentação e a interação com cada estudante foram algumas das histórias relatadas pelos professores participantes.

Em uma conversa aberta e descontraída com os jurados da competição, os professores tiveram a oportunidade de falar sobre o processo de produção das peças teatrais e compartilhar as experiências vividas nos bastidores.

As escolas municipais Anaburgo, Curt Alvino Monich, Padre Valente Simioni, Professora Virgínia Soares, Orestes Guimarães, Governador Pedro Ivo Campos, Saul Sant'Anna de Oliveira Dias, Professora Elizabeth Von Dreifuss e Enfermeira Hilda Anna Krisch estiveram presentes na conversa. Os

professores que abraçaram a ideia do Concurso, e motivaram os estudantes, competiram na categoria C, do 6º ao 9º ano.

Um inusitado teatro mudo, criado pelo CEI Estrelinha Brilhante; uma viagem no mundo dos livros, da EM João Bernardino da Silveira Junior, e a história de um migrante em Joinville, de autoria da EM Prof. Oswaldo Cabral, foram as três narrativas campeãs.

O tema desta edição, "Cachoeira, o Rio de Joinville", colocou o rio mais famoso da cidade como personagem principal em musicais, paródias, teatro de sombras, teatro de bonecos e outras tantas formas criativas de homenageá-lo.

O morador mais ilustre do rio Cachoeira, o jacaré Fritz, roubou a cena no primeiro dia da competição.

Escolas vencedoras:

CATEGORIA A - (CEI – maternal 2, 1º e 2º períodos),
CEI Estrelinha Brilhante = "Rio Amigo, Rio Limpinho, Todos Devem Colaborar!"
CEI Doce Infância = "Os Heróis do Cachoeira"
CEI Profª Herondina da Silva Vieira = "Se todos cuidarem!"

CATEGORIA B - (ensino fundamental – 1º ao 5º ano)
E. M. João Bernardino da Silveira Jr = "Meu Rio Cachoeira – Quanta Beleza Coube a Ti"
E. M. Profª Eladir Skibinski = "Lá Onde Nasce o Cachoeira"
E. M. Prof. Avelino Marcante = "Rio Cachoeira"

CATEGORIA C - (ensino fundamental – 6º ao 9º ano)
E. M. Prof. Oswaldo Cabral = "As Margens do Rio Cachoeira"
E. M. Pedro Ivo Campos = "Procurando o Fritz!"
E. M. Orestes Guimarães = "Pelos Águas do Rio Cachoeira".



Deuses apaixonados

Em tempos remotos, eram comuns os encontros amorosos entre um deus e mulheres da terra, geralmente virgens, belas, recatadas e do lar. Algumas delas eram comprometidas, o que gerava alguns conflitos, que eram logo resolvidos.

O caso mais famoso é de uma donzela da Palestina, de nome Maria, cujos relatos nos informam da visita que um anjo fez à jovem, anunciando-lhe a chegada de um filho. A inocente noiva, prometida em casamento a um primo mais velho, disse que aquilo era impossível, pois não conhecia homem, isto é, não havia tido relacionamento carnal com nenhum varão. O anjo explicou que o filho gerado em seu ventre seria obra do Deus de seu povo, através de um espírito. Assim, ela aceitou de bom grado sua missão, e o noivo, que no início chegou a pensar em abandoná-la, mudou de ideia quando, em sonho, o anjo lhe disse para não fazer mau juízo da menina, pois o Ser que ela iria gerar vinha do "Espírito Santo".

Segundo os estudiosos, os antigos costumavam atribuir a paternidade divina a certos indivíduos notáveis, tais como reis, imperadores, filósofos e profetas, não só como forma de homenageá-los, mas porque acreditavam mesmo que eles eram filhos de uma divindade.

No Egito, o faraó era celebrado como filho de um deus, e às vezes, como o próprio deus na terra. Na Grécia, Platão e Pitágoras eram exaltados como filhos do deus Apolo.

Na Índia (cerca de 3.500 anos a.C.) os textos sagrados contam que a mãe da virgem Devaki foi informada em sonho que sua filha daria à luz um homem-deus, que seria conhecido como Krishna. Também na Índia (séc. 6 a.C.) encontramos a rainha Maya descansando num dia de verão, quando em sonho, é levada ao topo do Himalaia, onde é recebida por quatro rainhas que a conduzem a uma mansão de ouro. Um elefante branco desceu voando a montanha, levando um ramo de lótus como oferta à rainha, que o esperava para o encontro nupcial. Ali, o elefante sagrado consumou o ato, penetrando-lhe o útero com a tromba. Desse encontro pouco comum, nasceria o príncipe Sidarta Gautama, o Buda.

Pérsia (atual Irã, séc. 6 a.C.). A virgem Dughda, uma adolescente de quinze anos, estava prometida em casamento a Paurushaspa, quando engravidou de Ahuramazda, um deus persa; dessa relação nasceu Zaratustra, o fundador do zoroastrismo.

Os gregos são pródigos em nos fornecer

romances entre um deus e uma terráquea. Coloquei entre parênteses o nome pelo qual eram conhecidos esses deuses pelos romanos.

Zeus (Júpiter) tinha uma estratégia peculiar para seduzi-las: o disfarce. O chefe do Olimpo se aproveitou da ausência de Anfitrião, e deitou-se com a esposa dele, Alcmena, enganando-a, pois adotara a aparência de seu marido. Dessa união, nasceu Heracles (Hércules). No início, Anfitrião ficou revoltado com a traição da esposa, mas se acalmou quando ela lhe contou que o bebê era filho de Zeus.

Leda, esposa de Tíndaro, rei de Esparta, que parecia ser uma zoófila, não reconheceu o grande Zeus quando veio em forma de cisne e copulou com ela. Nove meses depois, ela chocou dois ovos, e Tíndaro adotou as crianças como seus próprios filhos.

Outra que nutria fortes paixões por animais era Perséfone, que ao ver Zeus em forma de cobra, não hesitou em se deixar



penetrar. Em breve daria à luz o semideus Zagreu.

Para muitos gregos, Alexandre Magno era filho de Olímpia e Zeus, que, em forma de cobra (mais uma adepta de sexo com répteis) veio ao leito da bela mortal e a engravidou. Segundo o historiador Plutarco (séc. 1 de nossa era), Olímpia costumava dormir com cobras, como parte de um de seus cultos religiosos.

Dionísio (Baco) era filho de Zeus e da princesa Sêmele. O belo Apolo é pai de Asclépio, nascido de um romance com Corônis. Ares, filho de Zeus e Hera (Juno), engravidou Réia Sílvia, da qual nasceram os gêmeos Rômulo e Remo.

Hoje, divindades como as dos gregos e romanos foram transportadas para as prateleiras de livros sobre mitologia, mas na Antiguidade o povo as respeitava como entidades reais. Aqui no Ocidente, a concepção milagrosa de Maria resiste aos ataques dos críticos, que veem nesse conto um plágio da vida dos deuses pagãos. Para os cristãos, trata-se da mais bela história da Humanidade, em que Deus, como prova de seu amor por nós, se fez homem, para nos salvar e nos livrar de todo o mal.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: "Teofania" e "Crimes em nome de Deus". E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: <https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos>